

IMPOSSIBILIDADE DE PROVAR A EXISTÊNCIA DE DEUS PELA RAZÃO, SEGUNDO KANT¹

Willian José Nunes *
Douglas João Orben **

Resumo: O presente artigo analisa as refutações kantianas às tentativas apresentadas pela tradição filosófica de demonstração da existência de Deus por meio da razão. Segundo Kant, há uma impossibilidade em provar racionalmente a existência de Deus, porque o conhecimento humano encontra-se limitado ao âmbito fenomênico (espaço-temporal). Com efeito, não é possível conhecer racionalmente qualquer objeto metafísico, uma vez que essa forma de conhecimento transcende os domínios da intuição sensível. Esse é o caso da existência de Deus. À luz desse contexto, este artigo explana os argumentos apresentados por Kant para refutar as principais tentativas de demonstração racional da existência de Deus, as quais são sintetizadas pelo filósofo alemão em três categorias: provas ontológicas, provas cosmológicas e provas físico-teológicas.

Palavras-chave: Kant. Metafísica. Deus. Provas.

THE IMPOSSIBILITY OF PROOFING THE EXISTENCE OF GOD BY REASON, ACCORDING TO KANT

Abstract: This article analyzes the Kantian refutations to the attempts presented by the philosophical tradition to demonstrate the existence of God by reason. According to Kant, there is an impossibility in rationally evidencing the existence of God, as human knowledge is limited to the phenomenal scope (space-time). Indeed, it's not possible to rationally know any metaphysical object, since this form of knowledge transcends the domains of sensible intuition — this is the case for the existence of God. In light of this context, the present article explains

¹ Este trabalho fora escrito tendo como base o livro *Crítica da Razão Pura* de Immanuel Kant, em sua Dialética transcendental a partir, especialmente, da terceira à sétima secção.

* Acadêmico do 6º semestre do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina - FAPAS, Santa Maria, RS. E-mail: uwillianjosenures@gmail.com.

** Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e professor do curso de Filosofia da Faculdade Palotina - FAPAS, Santa Maria, RS. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5245-7630>. E-mail: douglasorben@hotmail.com.

the arguments presented by Kant to refute the main attempts of rational demonstration of the existence of God, which are synthesized by the German philosopher under three categories of proof: Ontological, cosmological, and physical-theological.

Keywords: Kant. Metaphysics. God. Proofs.

Considerações iniciais

Tentativas de provar a existência de um Ser supremo fora uma das ocupações de intelectuais dentro do que era considerado como ciência metafísica pela tradição filosófica. Na filosofia moderna, em especial pelas críticas de Immanuel Kant, concluiu-se que todos os indícios de provas criadas até então não passaram de meras especulações. Nesse contexto, Kant percebeu que as provas acerca da existência deste Ser podem ser delimitar em três gêneros: **provas ontológicas**, as quais colocam Deus como existente a partir de um puro *a priori*; **provas cosmológicas**, as quais partem de um objeto empírico e, pelo princípio da causalidade, chegam a Deus; **provas físico-teológicas**, as quais buscam provar a existência de Deus a partir das grandezas, potências, sabedorias (etc.) dos objetos empíricos.

Com a refutação destas provas pseudocientíficas, chegar-se-á ao objetivo primeiro deste trabalho, a saber: trazer à tona a crítica kantiana com o intuito de corroborar a impossibilidade de haver um conhecimento objetivo de Deus, com a demonstração da impossibilidade de provar a sua existência.

1 Desconstrução da ciência metafísica

Primeiramente, antes de se ater nas provas em questão, é necessário a análise da grande evolução científica no período Moderno, ou seja, o fato de que a maioria das ciências sofreram um grande avanço, seja a física, a matemática ou a geografia. Todavia, no que ainda era dito como ciência metafísica não houve progresso, pois ela estava estagnada nas mesmas conclusões que trouxera a tradição. Kant ilustra essa situação da seguinte maneira:

O destino não foi até hoje tão favorável que permitisse trilhar o caminho seguro da ciência à metafísica, conhecimento especulativo da razão completamente à parte e que se eleva inteiramente acima das lições da experiência, mediante simples conceitos (não, como a matemática, aplicando os conceitos à intuição), devendo, portanto, a razão ser discípula de si própria (KANT, 1987, p. 18).

Sendo evidente o avanço promissor das ciências objetivas e percebendo que a metafísica não trilhava o mesmo caminho, Kant argumentou que faltava para esta uma base empírica de conhecimento. Sem a intuição empírica, o conhecimento objetivo não é possível, uma vez que a epistemologia kantiana defende que, antes de categorizar, formando o conhecimento, deve-se obter o material da sensibilidade empírica para assim se ter o que se categorizar. Na metafísica não se têm objetos dentro do espaço e do tempo – como o caso de Deus, da alma e da liberdade – ultrapassando, assim, o limite do conhecimento humano e, conseqüentemente, impossibilitando a formação de uma ciência. “(...) Apesar de o ser humano não poder deixar de fazer metafísica, porque isso faz

parte de sua natureza², é impossível a metafísica como ciência” (ZILLES, 2019, p. 65).

Da natureza de objetos supra-sensíveis, de Deus, da nossa própria faculdade de liberdade e da nossa alma (separada do corpo), nada podemos conhecer que diga respeito às consequências e aos efeitos deste princípio interno de tudo o que pertence à existência dessas coisas, e por cujo intermédio possam para nós ser, mesmo que só minimamente, explicáveis os seus fenômenos, e cognoscível o seu princípio, o próprio objeto (KANT, 1995, p. 69-70).

Sendo agora necessário ampliar o conteúdo que aqui se escreve, e contextualizando com a filosofia da época em que fora escrita, acrescenta-se que a crítica de Kant “limita-se à metafísica dogmática, seja ela do racionalismo ou do empirismo” (ZILLES, 2019, p. 60). Como o objetivo deste trabalho é ater-se tão somente naquilo que diz respeito às tentativas de provar, racionalmente ou empiricamente, a existência de Deus, delimita-se agora as provas em três gêneros distintos: ontológico, cosmológico e o físico-teológico. Ademais, essa caracterização das diferentes provas da existência de Deus foi apresentada pelo próprio Kant.

2 Provas ontológicas

Chama-se de provas ontológicas as que, em sua base, são simples teorias criadas para provar a existência de Deus mediante argumentos que envolvem algo puramente *a priori*. Nesse sentido, essas são provas lógico-rationais,

² Como escrito no prefácio da primeira edição da *Crítica da Razão pura*, em 1781: “a razão humana, num determinado domínio dos seus conhecimentos, possui o singular destino de se ver atormentada por questões, que não pode evitar, pois lhe são impostas pela sua natureza, mas às quais também não pode dar resposta por ultrapassarem completamente as suas possibilidades” (KANT, 1987, p. 3).

fundamentadas em demonstrações e especulações puramente racionais³. Existem duas formas diferentes de provar a existência de Deus com argumentos ontológicos, a saber: o argumento do ser absolutamente necessário – provando a existência de Deus porque a sua existência é necessária – e o argumento do ser realíssimo: o qual defende que no momento em que pensamos em Deus, e sendo esse pensamento algo real, o Deus que é pensado se torna real.

2.1 Ser absolutamente necessário

Nessa demonstração, parte-se da ideia que Deus é um ser absolutamente necessário, portanto é impossível que este seja um não-existente. Esta argumentação, que trouxe uma prova fundamentada na pura especulação de que Deus é necessário, tomou forma primeiramente em uma hipótese e, posteriormente, com séries de argumentos, acabou por ser considerada como comprovada.

Tem-se julgado, mediante grande porção de exemplos, explicar este conceito, ao princípio lançado temerariamente ao acaso e que, por fim, se tornou tão corrente que uma indagação ulterior acerca da sua inteligibilidade se afigurou completamente inútil (KANT, 1987, p. 501).

³ O primeiro pensador que se propôs provar a existência de Deus de forma *a priori* foi Santo Anselmo. Segue-se, a nível de conhecimento, um breve resumo da argumentação anselmiana apresentada por Santos: “(1) Deus existe no pensamento. (2) Deus poderia existir na realidade – é um ser possível. (3) se algo existe apenas no pensamento e podia existir na realidade, então podia ser maior do que é. (4) suponha que Deus existe *apenas* no intelecto. (5) então como consequência (de 3 e 4) Deus podia ser maior do que é. (6) Deus é um ser maior do que o qual é impossível haver outro maior – definição de Anselmo. (7) o ser maior do que o qual nenhum é possível (só existe no intelecto – premissa 4) é tal que um ser maior é possível, pois há um ser maior do que o qual nada pode ser pensado que existe também na realidade. (8) então, é falso que Deus exista apenas no pensamento. (9) Deus existe na realidade, portanto. Assim, Anselmo derivou a existência *in re* de Deus de Sua definição. Trata-se, portanto, de uma aparente prova *a priori* da existência de Deus” (2015, p. 45-46).

Como a filosofia aceitou que este princípio de um ser absolutamente necessário e conseqüentemente inteligível fosse real? Uma possível resposta a esta pergunta é decorrente da maneira abstrata da filosofia de usar de conceitos confusos previamente determinados, como se vê nos escritos de Kant antes mesmo deste escrever as suas famosas críticas:

Podemos chegar a qualquer conceito geral através de duas vias diferentes: Por ligação arbitrária dos conceitos e por abstração a partir de um conhecimento que a análise tornou distinto. As matemáticas apenas constituem definições de acordo com o primeiro método. Por exemplo, se considerarmos, arbitrariamente, quatro retas que determinam uma superfície plana de tal maneira que os lados opostos não sejam paralelos e chamarmos trapézio a esta figura. O conceito que explico não é dado antes da definição, mas provem dela [...]. As definições da filosofia ocorrem de uma maneira completamente diferente. O que aqui é previamente dado é o conceito de coisa, mas de uma maneira confusa ou insuficientemente determinada. É preciso analisar, comparar em todos os casos os caracteres abstratos com o conceito dado e tornar esta ideia abstrata determinada, em todas as suas partes (KANT, 1983, p. 131).

Um exemplo singular que o autor traz no mesmo escrito é acerca de Leibniz, uma vez que este "(...) considerava uma substância simples que tinha apenas representações obscuras e a que chamava de mónade sonolenta" (p. 132). Considerar a mônada como sonolenta não prova a existência da mesma, daí conclui-se que a ideia deste objeto, totalmente abstrato, mesmo sendo dita como necessária ou essencial para o ser, se ampara em um simples conceito inventado.

Quando se tenta provar a existência de algo tão somente por um predicado, como é o caso de um ser absolutamente necessário, é obvio que há uma contradição quando se suprime a existência do sujeito, uma vez que o predicado não existe sem o sujeito e, por conseqüência, não o pode provar. Conclui-se daí que o fundamento tradicional de um ser absolutamente

necessário provém de puros juízos especulativos, sem qualquer realidade efetiva.

2.2 Ser realíssimo

Quando existe um conceito, este conceito não pode ser um não-existente, isto seria deveras contraditório. Quando se trata de um ser realíssimo, este ser possui uma realidade, "(...) em toda a realidade está compreendida também a existência; a existência está, pois, contida no conceito de um possível. Por consequência, se esta coisa é suprimida, também se suprime a possibilidade interna da coisa, o que é contraditório" (KANT, 1987, p. 503).

O erro existente nesta argumentação está no fato de que a existência de um conceito pensado não é a prova da existência do ser proveniente da imaginação, ou seja, pensar que existe um ser que não pode ser não-real não prova a existência deste ser, como diz Kant:

Assim, pois, quando penso uma coisa, quaisquer que sejam e por mais numerosos que sejam os predicados pelos quais a penso (mesmo na determinação completa), em virtude de ainda acrescentar que esta coisa é, não lhe acrescento o mínimo que seja (1987, p.505)

E mais:

o conceito de um ser supremo é uma ideia muito útil sob diversos aspectos; mas, precisamente porque é simplesmente uma ideia, é totalmente incapaz, por si só, de alargar o nosso conhecimento, relativo ao que existe (1987, p. 506)

Dessa maneira, por mais que se tente provar a existência de Deus a partir de puros conceitos, estas especulações não acrescentam em nada o

conhecimento deste ser supremo e, mais ainda, não provaram objetivamente nada acerca da própria existência deste ser.

3 Provas cosmológicas

Não sendo possível considerar as provas ontológicas como um suporte para a investigação, Kant traz para debate as provas cosmológicas. Diferentemente das ontológicas em que a base é simplesmente teórica, sem nenhum objeto empírico, as provas cosmológicas da existência de Deus defendem que é possível provar tal existência a partir da necessidade das coisas existentes terem uma causa, que necessariamente deve ser existente, e esta causa deve ter também outra causa “até que a série das causas subordinadas pare numa causa absolutamente necessária, sem a qual não seria jamais completa” (KANT, 1987. p. 508). Nesse sentido, a existência de Deus seria a causa necessária que justificaria a existência de todas as coisas contingentes da realidade⁴.

⁴ Como exemplo de provas cosmológicas traz-se as cinco vias para provar a existência de Deus escrita por Santo Tomás de Aquino, sendo elas: “1- Via do movimento/ primeiro motor; 2- Via da causa eficiente; 3- Via do contingente e do necessário; 4- via do grau de perfeição; 5- via do governo das coisas/ finalidade do ser” (MILHOMEM, 2018, p. 33). “A primeira via manifesta e faz parte da certeza atestada pelos sentidos do movimento das coisas, percebemos um fato no mundo: o movimento. (...) Nada pode mover-se a si mesmo, pois todo o movimento depende de um motor. (...) Logo é necessário chegar a um primeiro, motor de nenhum outro movido, que entendem: é Deus” (MILHOMEM, 2018, p. 34). “A segunda via procede da causa eficiente. (...) Não é possível que nada possa ser causa eficiente de si próprio, pois seria anterior a si próprio o que não é possível (...). e se nas causas eficientes não houver primeira não há média nem última. E dirigindo-se ao infinito não haverá primeira causa eficiente nem efeito último, nem causas eficientes médias. Então não possui causa eficiente como as outras, ao mesmo que é causa eficiente de todas as outras é um ser assim é Deus” (MILHOMEM, 2018, p. 35). Desta forma também procedem a terceira, quarta, e quinta via de Santo Tomás de Aquino para provar a existência de Deus, sendo que a terceira se refere à existência de um Ser que deva ser necessário para que as demais coisas tenham ou não necessidade; a quarta via examina os graus de perfeição presente nas coisas, e que a partir desta noção chega-se a necessidade da existência de um grau supremo, que corresponde a um ser supremo; e a quinta via diz respeito a

Entende-se prova cosmológica da existência de Deus como o argumento que parte de uma existência qualquer e, ao usar o princípio de causalidade, afirma que se tudo tem uma causa, deve haver uma causa primeira motora de tudo e que, por sua vez, é imóvel: tal causa primeira seria Deus (MULINARI, 2011, p. 7).

Trazendo esta nova perspectiva, partindo dos objetos empíricos, pode-se esquecer que, para estes objetos chegarem até Deus, primeiro deve haver um Deus. Se, usando o argumento da causalidade, há um momento em que se deve deixar o empírico e passar para um âmbito especulativo, tendo como fundamento tão somente a necessidade de uma causa primeira, de modo a atribuir esta necessidade a Deus, então tanto a linha de pensamento cosmológica assemelha-se à ontológica, pois ambas buscam provar a existência de Deus a partir de uma especulação puramente *a priori*. Com isso, tentar provar a existência de algo a partir de seus predicados (como um ser imóvel, um ser como causa eficiente, um ser perfeito) é, como já visto, errôneo. Tal argumentação tem o mesmo fundamento que a primeira demonstração, a saber: uma hipótese teórica.

Assim, pois, a segunda via que segue a razão especulativa para demonstrar a existência do Ser supremo não só é tão enganadora como a primeira, mas, além disto, incorre o erro de cometer uma *ignoratio elenchi*, prometendo levar-nos por outro caminho e fazendo-nos regressar, após pequeno rodeio, ao antigo, que por sua vez abandonáramos (1987, p. 511).

A via cosmológica incorre no mesmo erro da via ontológica, pois ambas necessitam, para haver um ser absolutamente necessário, pressupor a existência deste ser. Existe ainda uma terceira tentativa, aquela que se fundamenta nas provas físico-teológicas.

finalidade das coisas, sendo que as coisas naturais são ordenadas à um fim que não ao acaso, mas pela intenção de um organizador, que chama-se Deus (MILHOMEM, 2018, p. 35-37).

4 Prova físico-teológica

Anteriormente, fora visto que ambas as vias transcendentais não provam a existência de Deus. A partir deste ponto, agora a reflexão entrará em uma via totalmente empírica, diferente da via cosmológica que parte dos objetos empíricos até o transcendente, a via físico-teológica permanece nos objetos empíricos defendendo a possibilidade de assim provar a existência de um Ser supremo. Contudo, pode-se colocar a interrogação: como provar a existência de Deus somente com os meios empíricos, uma vez que ele se encontra em um plano metafísico? A resposta encontra-se nos próprios objetos, já que neles percebe-se certa beleza, grandeza e sabedoria.

Acerca desta via, Kant escreve:

Vivifica o estudo da natureza assim como dele extrai a existência e recebe sempre novas forças. Introduce finalidades e desígnios onde a nossa observação, por si mesma, os não teria descoberto e dilata os nossos conhecimentos da natureza, mediante um fio condutor de uma unidade particular, cujo princípio é exterior à natureza. Mas estes conhecimentos reagem, por sua vez, sobre a sua causa, ou seja, sobre a ideia que os inspira, e fortalecem a crença num supremo autor do mundo até fazer dela uma irresistível convicção (1987, p. 520).

Mesmo sendo de grande utilidade, há uma lacuna no que tange à existência de um Ser supremo, uma vez que as provas para tal existência se baseiam unicamente na necessidade do mundo ter uma, ou mais de uma, “causa sublime e sábia” (KANT, 1987, p. 521), um ser com toda a potência, sabedoria e perfeição – um ser absolutamente necessário que organize o mundo.

O passo conducente à totalidade absoluta é inteiramente impossível pela via empírica; no entanto, esse passo é dado na prova físico-

teológica. Qual será o meio que se utiliza então para transpor tão largo abismo? (KANT, 1987, p. 523).

O autor responde:

Depois de se ter chegado a admirar a grandeza, a sabedoria, a potência, etc. do autor do mundo, não se podendo ir mais além, abandona-se uma vez por todas este argumento, assente em provas empíricas, e passa-se para a contingência do mundo que, desde o início, igualmente se inferia a partir da sua ordem e finalidade. Unicamente se transita então desta contingência, graças apenas a conceitos transcendentais, para a existência de um ser absolutamente necessário, e do conceito de necessidade absoluta da causa primeira para o conceito universalmente determinado ou determinante da mesma existência, ou seja, o de uma realidade que tudo compreende (KANT, 1987, p. 523).

Havendo logicamente um regresso ao argumento cosmológico, uma vez que há a volta à causalidade e, necessariamente, à causa sem causa (autogerada) – Deus –, os argumentos físico-teológicos cometem o mesmo erro: fundamentam a sua tese em pressupostos ontológicos.

Considerações finais

O erro da metafísica tradicional, no que tange às provas da existência de um Ser supremo, está interligado à tendência de tudo querer conhecer, ignorando o fato de que, a não ser por meras especulações, não podemos conhecer objetivamente o que foge de nossas experiências. Nas palavras de Kant "(...) se o avanço numa certa direção tem como consequência inevitável uma igual regressão, o resultado é então o mesmo que não ter saído do lugar" (1995, p. 111). Se não há modos empíricos de provar a existência de algo, formando assim um conhecimento a partir do entendimento, então não há maneiras possíveis de construir um conhecimento objetivo/científico de

determinado algo. As provas que neste artigo foram tratadas não são outra coisa senão puras especulações, elas podem ter utilidades, em especial as provas físico-teológicas, mas não provam a existência de Deus.

Nesse sentido, as críticas kantianas às provas da existência de Deus devem ser entendidas dentro do contexto teórico da filosofia crítica do pensador alemão. É preciso, portanto, reconhecer que o conhecimento humano encontra-se limitado às condições espaço-temporais da intuição sensível, de modo que não é possível conhecer objetivamente objetos metafísicos. Com efeito, o conhecimento humano é apenas fenomênico, pois não se conhece as coisas-em-si.

Contudo, muito embora não seja possível conhecer objetos metafísicos, é possível pensá-los sem contradição alguma. Dessa maneira, como se pôde perceber, Kant refuta de forma bastante plausível as principais tentativas de demonstração da existência de Deus. Todavia, considerando os pressupostos da filosofia kantiana, isso não significa negar objetivamente a existência de Deus, mas tão somente rechaçar qualquer possibilidade de conhecer objetivamente um ser metafísico (transcendente), como Deus. Portanto, deve-se reconhecer que é impossível conhecer Deus como se conhece um objeto sensível e espaço-temporal. Entretanto, ainda é possível pensá-lo como existente, ou crer. Por isso, a existência de Deus, para Kant, relaciona-se mais à fé do que ao conhecimento humano.

Referências

Kant, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

_____. **Progressos da metafísica**. Traduzido por Artur Morão. Rio de Janeiro: Delfos ed. Lisboa: edições 70, 1995.

_____. **Textos pré-críticos**. Portugal: Rés-editora, 1983.

MILHOMEM, Ivone Alves De Deus. **A existência de Deus segundo a suma de teologia de Tomás de Aquino**. 2018. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

MULINARI, Filício. A refutação dos argumentos ontológico, cosmológico e físico-teológico na crítica da razão pura de Immanuel Kant. **Revista Synesis. Petrópolis**, v. 3, n. 1, p. 23-39, jan./jul. 2011.

SANTOS, Rubens Sotero dos. Da impossibilidade de se demonstrar a existência de Deus: críticas humeanas ao argumento ontológico de Santo Anselmo. **Revista Enciclopédia**, Pelotas, v. 03, p. 43-58, inverno 2015.

ZILLES, Urbano. **Discurso sobre o fim da metafísica**. São Paulo: Paulos, 2019/jun. 2022.